

## Apresentação

Raros são os textos sobre performance em português. Dessa constatação, brotou o desejo de realização de dois conjuntos de textos que são nada mais que um abraço de multiplicidades: *Tempo e performance*, publicado em janeiro de 2007, pela Pós-Graduação em Arte da UnB, e, agora, *Espaço e performance*.

Em ambos os livros, os autores desencadeiam pensamentos em diversas áreas do conhecimento (antropologia, artes visuais, artes cênicas, música), todos ocupados em desvelar a questão ‘inatural’ da performance, interação entre indivíduos cujas singularidades se vêm constrangidas na sociedade partida na qual vivemos.

Em *Tempo e performance*, encontram-se: Olgária Matos, Ana Goldenstein, John Dawsey, Luis Ferreira, Maria Luiza Fragoso, Regina Melim, Renato Ferracini, Rita Castro, Rita Gusmão, Sílvia Davini, Marianna Monteiro e Bia Medeiros.

Neste volume, estão presentes: Anna Barros, Ciane Fernandes, Lilian Amaral, Lucio Agra, Luiz Fernando Ramos, Maicyra Leão, Marcus Mota, Merle Ivone Barriga e Rodrigo Garcez, Priscila Arantes, Simone Michelin, Vera M. Pallamin, Marianna Monteiro e Bia Medeiros.

Aqui, o espaço, investido pelo sentido, isto é, pleno de significação, se torna lugar. Sendo esse lugar o do corpo, pleno de sensações, esse investimento vai, conseqüentemente, em direção ao mundo, onde compartilhamos com o outro, com os outros. Assim, a performance é pensada como ação política e, como tal, reflexão sobre o estado da arte do momento presente.

Em diversos textos, nas diferentes análises de muitos trabalhos artísticos, a performance aparece como proposta/instante de encontro, encontro com o outro, encontro com a vida, fagulha efêmera, arte pública, busca de outros processos de subjetivação. Em seu dinamismo, a performance questiona o estaque mercado de arte. A mercadoria se consome, a arte permanece. No consumo, me *com*-sumo. Na arte, *per*-muto.

Querendo *afectar*, a performance sai das fronteiras enclausuradas das galerias para acontecer nas ruas e praças: São Paulo, Taguatinga (DF.), Brasília etc. Na rua, está o público que parece se interessar. Mas o espaço urbano está corroído de assassinatos e assaltos. O artista age. Esclareçamos, a intervenção (inter-vir) quer vir e não inter-ferir. Trata-se de compor: composição urbana. Busca o *afecto*, o carinho ou a carícia, e assim redimensiona o espaço-tempo intervalar.

A performance é evento, improvisado e espontaneidade: o conceito congelado de tempo se dilui, ou melhor, se gaseifica: fluxos dão-se em todos os sentidos.

Quando o espaço separa processos de subjetivação desejantes, o tempo se estende, por vezes, no limite da espera. Por outro lado, quando o tempo se alonga, espaços parecem se

reduzir até que, tornando-se quase coincidentes, a implosão se torna inevitável. Mas, se o espaço acontece – investido de sentido -, o tempo voa, e se o tempo tem certeza de seu fim, como espera, o espaço quase deixa tocar.

Tudo isso parece regido pela inevitável *performance, maestrina do tempo e do espaço*; em sua ânsia infinda, o tempo parece não ter fim; em seu excesso, o espaço se arrisca; na sua presença, o tempo se suspende, o espaço se surpreende: performance.

Brasília, junho de 2007

Maria Beatriz de Medeiros  
Marianna F. M. Monteiro  
(Organizadoras)

4ª capa

Em *Tempo e performance* (2007) e, agora, em *Espaço e performance*, os autores desencadeiam pensamentos em diversas áreas do conhecimento buscando desvelar a questão ‘inatural’ da performance, *maestrina do tempo e do espaço*.

Neste volume, o espaço, investido pelo sentido, isto é, pleno de significação, se torna lugar, lugar do corpo, do encontro com o outro, com os outros, com os espaços urbanos, com o mundo. Assim, a performance é pensada como arte e como ação política.

Na ânsia infinda de performance, o tempo parece não ter fim; em seu excesso, o espaço se arrisca; na sua presença, o tempo se suspende, o espaço se surpreende: performance.

Brasília, junho de 2007

Maria Beatriz de Medeiros  
Marianna F. M. Monteiro